



Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"
Departamento de Ciências Florestais
LCF0622 - Tópicos de Educação Voltados à Questão Ambiental

Discente: Carolina da Cunha Atauri

Número USP: 7560422

Relato sobre atividade extra

VegFest – VI Congresso Vegetariano Brasileiro

No dia 30 de agosto, precisei me ausentar da aula para ir a Campos do Jordão participar do maior evento vegetariano da América Latina. Foi a sexta edição do evento promovido pela Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) desde 2004, já tendo passado por São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e Recife. Com palestras de alguns dos maiores líderes mundiais do ativismo pelos direitos animais e oficinas de culinários renomados, o evento – que aconteceu do dia 30 de agosto a 03 de setembro – trouxe temas que abordaram a relação do veganismo com a saúde, ética, meio ambiente, empreendedorismo, meditação, espiritualidade, entre outros.

Em uma das palestras que mais gostei, Alessandra Luglio, nutricionista, explicou o conceito das "Blue Zones", que são lugares, identificados a partir de estudos científicos, onde as pessoas tem vidas mais longas. Nesses países, 95% da alimentação é baseada em vegetais. Ela relacionou os países que mais consomem carne com a maior incidência de câncer no mundo e falou, também, sobre a altíssima pegada de carbono, hídrica e ecológica dos produtos de origem animal.

A pedagoga Valéria Ferreira Amores, representante do Brahma Kumaris, fez uma palestra excelente sobre as diferenças entre o ego e o ecoalimentar, relacionando esses conceitos não só à alimentação física, mas aos sentimentos e valores que nutrimos. Ela destacou importantes elementos para a alimentação da alma e, durante uma prática meditativa, nos fez refletir sobre a presença deles em nosso cotidiano: tolerância, paciência, empatia, cooperação, organização, alegria, amor e paz.

Luísa Mell, ex apresentadora de televisão e atriz, contou como abriu mão de sua carreira para viver de acordo com seus valores e defender os animais. Segundo ela, os patrocinadores do programa que apresentava não estavam de acordo com as reflexões que tentava propor a respeito do veganismo e, por isso, acabou perdendo aceitação em sua área de atuação. Durante o bate-papo com a palestrante, emergiram relatos sobre a dificuldade de adequação das escolas para crianças com valores animalistas, incluindo desde a alimentação até as histórias utilizadas como recurso didático, que muitas vezes objetificam animais. É extremamente importante que sejam criadas mais histórias infantis animalistas, bem como estratégias para caminhar na

direção de uma educação que não alimente ainda mais o antropocentrismo e a desvalorização das demais formas de vida.

Nina Rosa, fundadora do Instituto Nina Rosa, organização que desde 2000 produziu e promoveu ações, documentários e livros educativos sobre defesa animal e veganismo, deu foco à educação humanitária e distribuiu livros e DVDs para quem atua ou pretende atuar na área. A educação humanitária se preocupa em examinar as relações que acontecem em nosso planeta, da opressão entre humanos à exploração animal e à degradação ecológica. O livro “O Poder e a Promessa da Educação Humanitária”, de Zoe Weil, que ainda estou lendo, explica que são quatro elementos que formam a base da educação humanitária: “1- fornecer informações precisas para que os estudantes possam entender as consequências de suas decisões como consumidores e cidadãos; 2- Incentivar os 3 Cs: Curiosidade, Criatividade e Crítica para que os estudantes possam avaliar informações e resolver problemas; 3- Instilar os 3 Rs: Reverência, Respeito e Responsabilidade para que os estudantes possam agir com gentileza e integridade; 4- Oferecer escolhas positivas que beneficiem eles mesmos, outras pessoas, a Terra e os animais para que os estudantes sintam-se empoderados a ajudar na criação de um mundo mais humano” (pág. 33 e 34). Achei extremamente produtivo, pois ainda não tinha estudado sobre esse ramo específico da educação e me identifiquei bastante com os valores dele.

Interessei-me bastante pelo espaço aberto para a apresentação de trabalhos acadêmicos selecionados (e previamente inscritos) e posterior premiação do escolhido como o melhor. É muito positivo ter esse incentivo à pesquisa para fortalecer a causa vegana dentro do meio acadêmico.

Além disso, o evento contou com uma feira vegana com mais de 40 expositores de comidas, cosméticos, calçados, artesanatos e produtos em geral, além de um espaço para adoção de cães e gatos. O que mais me chamou a atenção no espaço da feira foi o stand da organização mundial “The Save Movement”, que atua em diversos países promovendo a conscientização a respeito da realidade por trás dos produtos de origem animal. Os representantes do grupo do Rio de Janeiro estavam no evento com equipamentos de realidade virtual para mostrar como é o processo de exploração de animais na indústria da carne, leite e ovos. Cada pessoa escolhia a respeito de que tipo de indústria queria se informar melhor e então era convidada a colocar os óculos de realidade virtual. Com essa experiência, era possível interagir com as imagens transmitidas nos vídeos, como se o espectador estivesse presente na cena, escolhendo para que lado olhar e observando cada detalhe. Eu escolhi assistir à produção de laticínios. Embora já soubesse sobre a crueldade por trás dela, fiquei bastante impressionada com o potencial do equipamento, pois parecia que eu realmente fazia parte daquele episódio e, por diversos momentos, confesso que tive vontade de acolher aqueles animais e retirá-los dali. Acredito que esse pode ser um instrumento interessante para promover empatia, se aliado a bons diálogos e práticas de educação ambiental que estimulem a potência de ação.